

ERNESTO DE MELO E CASTRO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

«Estamos no limite das coisas. A figura de retórica fundamental na passagem do século XX para o XXI é a releitura, movimento simultaneamente de reavaliação do passado e de um olhar sobre valores que vão nascendo. Mas a releitura tem de trazer qualquer coisa de novo, de contrário não vale a pena. No que respeita a elementos fundamentais culturais adquiridos através do ensino oficial, a cultura, em Portugal, está envelhecida. Mais: está rejubilantemente envelhecida e retrógrada no que concerne às ciências humanas. Penso nos que têm um ensino deficiente. Vão ser culturalmente mancos toda a vida».

Com a audácia da poesia que escreve pretende ser entendido por quem?

Quando se começa a escrever coloca-se o problema de conseguir estruturar uma voz; uma voz que seja diferente e possa dizer alguma coisa. Mas há uma primeira questão: ao escrever pretendo, essencialmente, entender-me e entender o mundo.

Consegue entender-se a si próprio na sua arte poética marcada por uma originalidade nem sempre fácil de compreender?

Eu entendo-a porque a criei e corresponde aos meus impulsos, aos meus anseios, às minhas dúvidas; agora, não resolvi nenhuma dessas dúvidas. Cada vez que se dá uma resposta a alguma questão, levantam-se mais questões e quase sempre mais complexas.

Tem poesia da juventude antologada. Portanto, não a rejeita?

Não rejeito, assumo-a com prazer. Há mais de 50 anos, já escrevia poesia como a que hoje se faz. É por isso que não gostam de mim.

Estará a ver alguns fantasmas nesse «não gostam de mim»?

Preferia ver fantasmas porque são energia desmaterializada, pura. Mas o que vejo é o silêncio, a rasura. Fui rasurado literalmente da poesia portuguesa. Pratica-se uma «crítica» pelo silêncio. Não se gosta, não é do nosso grupo, silencia-se, rasura-se, põe-se de lado. Ah!, o monstro morreu.

Considera-se um poeta morto?

Sou um poeta contra o qual se cometeu uma tentativa de assassinato; uma tentativa mal sucedida. Estou bem vivo, continuo a escrever e a publicar.

Alguma “maldição” se abateu sobre si?

Há uma espécie de maldição sobre mim por causa de duas coisas: da poesia visual e da poesia erótica que continuo a assumir, e mais: é a parte da minha poesia que miseravelmente tem mais leitura.

Ao dizer «miseravelmente» reconhece haver uma tentação pela leitura de poemas seus com obscenidade desmesurada?

Há pessoas que se abeiram de mim perguntando-me: *Onde posso encontrar, sim, aquele seu livro...* E eu: *Qual, Ignorância da Alma ou Versus-In-Versus?* E dizem: *Nada disso, é o outro.* São pessoas que nem sequer conseguem dizer *caralhamas* mas são consumidores ocultos dessa minha poesia que não foi sequer feita para isso.

Porquê uma poesia-porno na sua obra? Para agredir?

Justamente. A maior parte dessa minha poesia foi escrita no regime de Salazar e Caetano; tinha uma intenção política, a de desmitificar um vocabulário que estava proibido; era uma agressão ao sistema político, ao sistema moral e ao convencionalismo, e principalmente ao farisaísmo no tratamento do sexo que se dava em Portugal e continua, o farisaísmo é o mesmo. Essa poesia tinha, também, o aspeto lúdico e irónico; são poemas que desorganizam o discurso moralista e farisaico. Quando estigmatizo os leitores envergonhados é porque se aproveitam desses poemas para outros fins. A finalidade, porém, dos movimentos da poesia-porno que se deram em todo o mundo, nos anos 60 e 70, era a de desconstruir os falsos moralismos sociais e políticos.

No discurso poético, seja de palavra ou imagem, há ou não uma ambiguidade em que procura ocultar a sensibilidade à flor da pele?

Não procuro ocultar nada, nem como poeta nem como homem. Basta lembrar o título da minha poesia completa (1990):

Trans(a)parências. A poesia é uma forma de tornar as aparências transparentes, ou não? A ambiguidade é uma característica específica do discurso poético, significando que existem sempre vários níveis de percepção e interpretação, digamos que sobrepostos em todos os textos que verdadeiramente sejam poesia. Compete ao leitor aperceber-se deles e com eles construir as suas leituras. A «sensibilidade à flor da pele» não passa de uma falsa questão; desde o início, não coloco nesse nível o meu trabalho poético. Admito que para outros poetas esse nível primário da sensibilidade seja importante e até único. Para mim, não.

Quando digo sensibilidade à flor de pele nada tem de pejorativo, prende-se com as emoções...

Gostaria, no entanto, de recordar que Fernando Pessoa estabeleceu uma diferenciação entre quatro graus da poesia lírica que são muito úteis para clarificar estas coisas. A «sensibilidade à flor da pele» diz respeito ao primeiro desses graus e caracteriza a poesia em que o poeta só fala do “eu” e se exprime espontaneamente. Depois, Pessoa coloca sucessivos graus de complexidade a que corresponde uma poesia em que o “eu” se auto distancia de si próprio ou escreve a poesia de outros “eus”. Segundo a teoria pessoana, acho que devo ser colocado no terceiro grau. Isto quer dizer: o meu trabalho poético é complexo, talvez até muito complexo, e, em vez de exprimir o meu “eu”, procura muito mais exprimir o “eu” da língua portuguesa.

Faço a síntese de um texto que integra a sua *Antologia para Inici-Antes*: (...) “Por isso sou livre de dizer que nunca escrevi nenhuma letra, nenhuma palavra, nenhum texto”. Que tem andado a fazer?

A escrever textos que se compõem de palavras, de letras e de outras coisas mais. Quase só tenho feito isso e não me arrependo. O texto que refere está em itálico e, no final, passa a redondo médio e digo...

Diz: "Este texto foi encontrado numa disquete esquecida dentro de um drive de um velho computador abandonado no lixo". Quis dar lugar à "inteligência artificial"?

O "eu" enunciante do texto em itálico não é o meu, mas um suposto "eu" do velho computador. Computador que, num último esforço para entender as suas capacidades e possivelmente a sua identidade de "máquina inteligente", produziu o texto e gravou-o em disquete na esperança (?) de que "alguém" um dia o descobrisse. É, sem dúvida, uma ficção poética e por vezes irónica sobre a chamada inteligência artificial.

Argumenta-se que a poesia positivista procura fazer desaparecer a relação com o Eu. Haverá poesia sem Eu?

Há uma imprecisão à volta do Eu. Quando me falam de infopoesia, perguntam: *onde fica o Eu?* A minha resposta é: fica onde sempre estive, no Eu do poeta. O Eu criador entra em interactividade com as capacidades de velocidade de processamento, de rigor e de variabilidade das imagens; se a pessoa dominar essa capacidade de transformação, produz coisas maravilhosas. Porquê o escândalo da utilização das informáticas para arte?

Autonomia da arte é irrevogável, como defende Adorno?

Se a arte não for arte, não é nada. E para ser arte precisa de ter uma especificidade que a distinga de tudo. É por isso que das civilizações só restam as obras de arte e não as políticas dos políticos ou os dinheiros dos economistas. A vandalização de obras de arte equivale à destruição do futuro de uma cultura.

Versos seus: "A poesia é um gozo / o leitor / deve sentir-se gozado". Que relação tem com o leitor?

Uma relação pícara. As pessoas parecem ter-se esquecido da poesia de escárnio e maldizer medieval, de uma poesia que passa por António José da Silva, pelos séculos XVII e XVIII, estende-se por outros tempos e floresceu mais em Espanha do que em Portugal.

Bocage cultivou o picaresco...

Sem dúvida, Bocage, o abade Jazente, e a poesia picaresca também foi muito justamente reivindicada por O'Neill; até em João de Deus há essa componente subliminar.

Que tinha a poesia experimental contra o romantismo?

Nunca teve nada. É um equívoco. O romantismo esteve certíssimo no seu tempo. Mas o nosso tempo já não tem as mesmas coordenadas culturais, humanas, económicas, sociais. E não podemos, em nome de um suposto excesso de sentimento, deixarmo-nos arrastar. Estamos, hoje, contudo, numa época de releitura. A figura de retórica fundamental na passagem do século XX para o XXI é a releitura. Nunca em nenhuma época a releitura foi tão importante como agora.

Importância da releitura prende-se com a necessidade de o homem se redescobrir ou reencontrar?

Vivemos um momento em que os valores simbólicos estão a desgastar-se. A cultura atual encontra-se no estertor dos valores que enformaram durante dois mil anos a cultura ocidental, que não é, aliás, a única cultura do mundo. Estamos no limite das coisas e, por isso mesmo, também numa cultura de limiar. O movimento de releitura é simultaneamente uma reavaliação do passado e um olhar sobre valores que vão nascendo. Mas a releitura tem de trazer qualquer coisa de novo, de contrário não vale a pena.

Crê que a sua poesia ocupará, à distância do tempo, um lugar de releitura?

Não me diz respeito nem me preocupa tal questão. À distância do tempo... já não estarei lá. Quem quiser reler que releia. De nós, poetas desta época, daqui a cem anos restarão uma ou duas linhas numa enciclopédia. Para mim, basta. Porque a poesia é uma vivência escrita e da escrita. Ponto.

Um processo de releitura existe também na sua obra lírica...

Existe um contínuo processo de releitura de poetas do passado; é isso que lhe cria uma tensão contraditória com os processos experimentais. Reler significa um meio de descoberta dos subtextos que há em todos os textos.

Chega a ser desconcertante: vai do experimental, por vezes cáustico, até ao soneto de amor, do género: "Há uma linha subtil que tu partiste / no medo desmedido mas contente / uma causa cruel que não se sente / mas é a vida a terra que tu viste". Camões presente em si?

Não existe, para mim, nenhuma contradição entre sentimento e experimento. Toda a minha poesia se passa na língua portuguesa e nas suas virtualidades para dizer e construir o poético. Julgo que esse soneto é um claro exemplo disso. Trata-se de uma transcrição, a que chamo "arafonética", do famoso soneto de Camões: "Alma minha gentil que te partiste" (...), processo esse que é experimental. Mas ao longo de mais de 50 anos de poesia o intuito experimental obriga a não repetir processos e temas. A minha vida não foi, nem é, simples nem monótona.

De vez em quando, gosta de reconquistar a palavra para os seus livros e deixar de parte a poesia visual?

Faço-o, sem pôr de parte a poesia visual. O poeta que é realmente deste tempo tem de ser um poeta da multiplicidade, e eu, quer Portugal queira quer não, sou um poeta deste tempo.

Para o entendimento da poesia visual há agora um público mais habilitado?

A maioria dos jovens assimila-a. E trata a poesia visual como um dado adquirido. Nos anos 60 foi necessário gerar polémica, escrever artigos e ensaios para dar coordenadas críticas e teóricas ao público; não havia essas coordenadas nos estudos críticos convencionais e muito menos eram dadas nas universidades, lamentavelmente continuam a não ser. É espantosa a ignorância sobre princípios básicos e fundamentais da poética com que os alunos saem do ensino secundário. Aflitivo: o ensino do português só produz ignorância. Penso nos que têm um ensino deficiente. Vão ser culturalmente mancos toda a vida.

Como se sente o professor?

Oponho-me ferozmente a esse tipo de ensino, dou aos meus alunos de nível universitário coisas que já deviam saber no secundário. E os alunos ficam agradecidos.

Estará o pior nos professores e não nos alunos?

Nos professores, nos programas, nos métodos, na organização. Acho um verdadeiro escândalo que se tenha feito uma reforma do ensino secundário que não foi devidamente discutida junto das escolas e do público; ficou obscurecida por notícias de sensação. Reformar o ensino secundário é modelar o futuro. Urgente!

Teremos uma cultura velha?

Deve colocar-se esse problema. No que respeita a elementos fundamentais culturais adquiridos através do ensino oficial, a cultura,

em Portugal, está envelhecida. Mais: está rejubilantemente envelhecida e retrógrada no que concerne às ciências humanas.

Qual o papel do escritor e da literatura no mundo da "realidade virtual"?

Se interpretarmos «papel» como sinónimo de "função", tenho a certeza que a função do escritor continua a ser a de escrever, seja com que instrumentos for. Quanto à função da literatura, sendo a mesma que sempre foi, encontra na realidade virtual um meio de expandir-se em formas e géneros diferentes, desde as novas tipologias narrativas proporcionadas pela televisão (telenovelas, seriados, "reality shows", noticiários, videoconferências, entrevistas, publicidade) até ao "chat", ao hipertexto e à montagem não sequencial de textos proporcionada pelo CD-ROM.

Apareceu um novo conceito de texto...

Verdadeiros novos géneros literários estão a começar a aparecer, sendo já de sublinhar notáveis experiências de "infopoesia" (poesia visual feita em computador) e de "videopoesia" em que as imagens analógicas e digitais se combinam para formar sequências temporais animadas de imagens létricas e não létricas, num novo conceito de texto, sim. Tenho trabalhado nessa área nos últimos anos.

Faz poesia diretamente no computador?

Escrevo no computador com velocidade e julgo que a minha articulação sintática melhorou muito em clareza e síntese de ideias. Antes, nunca consegui escrever à máquina, instrumento que odeio; escrevia tudo à mão. E continuo a escrever à mão a poesia, depois faço a versão final no computador.

O "inferno cinza" de que fala numa das *Crónicas Desmateriais* é uma nebulosa ou um espaço iluminado?

Ambos. Uma iluminação nebulosa e uma nebulosa iluminada; uma metáfora do nosso espaço interior através do qual nos apercebemos do espaço exterior, ou vice-versa; um labirinto desmaterial, uma incerteza, um abismo em que sinto que se vive atualmente.

Para Nerval "a vida do poeta é a vida de todos". Acha que sim?

Juntaria a essa expressão: a vida do poeta é a vida de todos os do futuro. E o futuro torna-se numa coisa aliciante porque não existe. Quando se chega ao futuro já se está no presente. Mas basta ter bem limpas e bem abertas aquilo a que Huxley chamava as portas da percepção.

Quem deve ser o "sujeito crítico" da obra: autor, leitor ou o crítico?

Vivemos numa sociedade que é uma informo-esfera, a qual, todavia, se evidencia como um instrumento mais fácil de usar para desconstruir, desinformar e obliterar a verdadeira cultura humanista do que para praticar isto que costumo dizer aos meus alunos: quando é que a televisão e as primeiras páginas dos jornais abrirão com uma notícia a dizer: *Hoje nasceu uma flor no jardim da minha vizinha.*

Essa é de poeta... bela utopia...

Quando disse isto a primeira vez, foi uma gargalhada na aula; hoje, ficam inquietos, porque ainda não ouviram essa notícia. O público vai ter de exigir um não à especulação.

Por meio de uma poesia de luz e de sombras procura encontrar-se com a "escrita branca" de que nos fala Barthes?

Importante a metáfora da brancura; o branco é a síntese de todas as cores, e falamos de cores solares. A pura energia de que somos feitos é branca, mas temos uma coisa terrível: um cérebro cinzento.

Desse cinzento vem a luz...

Redutor. Queremos chegar ao branco e esbarramos no cinzento.

Cérebro redutor ou nós incapazes de o aproveitar plenamente?

Sabemos que o cérebro humano é uma máquina muitíssimo complexa: tem uma centena de biliões de neurónios, podendo cada uma dessas células estabelecer dez mil conexões com as células vizinhas! No entanto, parece que nós só usamos em todas as nossas funções sensíveis e racionais apenas oito a dez por cento dessa capacidade. Mas essas células não estão desaproveitadas; cumprem funções que não conhecemos. Por isso, prefiro falar de transinconsciente. Aí, entra-se numa zona escorregadia, volátil. É a leveza de que nos fala Calvino e que talvez venha a ser uma das nossas características no futuro.

Irá o homem transformar-se num ser solar?

Vamos sofrer sucessivas mutações, já estamos a sofrer. O homem irá transformar-se num ser puramente energético. Será um mundo em que a oposição entre o bem e o mal, entre o novo e o velho, o certo e o errado, o optimismo e o pessimismo, tudo isso desaparecerá.

De onde vimos, antes de tudo o mais?

Em dado momento, o cérebro de um macaco tinha 400 cm³; apareceu depois um macaco com um cérebro de 700 cm³, que é mais ou menos a nossa capacidade atual. Este macaquinho, com um arzinho da sua respiração pôs a vibrar umas preguinhas de pele a que a gente chama pomposamente cordas vocais. Não esqueçamos que a fala e a própria vida estão ligadas àquilo que é fundamental: a respiração, o oxigénio. Por que será? E lembremo-nos, também, de que o planeta Terra tem órgãos produtores de oxigénio há muitos milhares de milhões de anos, que são as plantas.

Terra ameaçada?

Se continuarmos a destruir a massa verde e a água que rega as plantas, há uma ameaça real. Pior que tudo é a inconsciência coletiva que se traduz na incapacidade dos governos e dos políticos em fazer seja o que for. Podíamos ter grande parte da frota automóvel mundial a andar com energias alternativas. E o sol que os países africanos recebem resolveria para sempre os seus problemas energéticos, por exemplo.

Dinâmica da língua portuguesa no mundo, como vai?

Creio que muito bem! De acordo com um sociolinguísta britânico, o português e o castelhano (impropriamente dito espanhol) são as línguas ocidentais que têm perspectivas de crescimento em número de falantes e de importância cultural no século XXI.

Brasil, determinante nesse aspeto?

Dever-se-á principalmente ao Brasil, onde a população cresce e o analfabetismo vai diminuindo, de acordo com as últimas estatísticas. E também nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) o conhecimento e o uso do português regista um crescimento devido à escola, à literatura e por ser língua oficial; não é, por enquanto, a língua da rua, pelo menos numa norma culta, mas será, certamente, a língua do futuro como língua popular quando for assimilada e miscigenada com as línguas dos respetivos povos africanos; e mesmo a nível popular creio que já se pode começar a falar nas variantes moçambicana e angolana do português; isto a par do uso e modernização das línguas originais africanas.

Escritores representam mais na expansão da língua portuguesa do que o rosto oficial?

É, sem dúvida, na criação literária que esse dinamismo criador se manifesta: na poesia e na ficção, em que se dá uma miscigenação linguística, sobretudo morfológica e sintática, que vai enriquecendo o português de Portugal e o transforma no português do mundo africano.

Timor também fala português...

A adoção do português em Timor-Lorosai tem um significado simbólico e poético muito importante. É bom não esquecermos que entre os vários registos de falar e escrever o português por mais de 220 milhões de pessoas, não são necessários dicionários para tradução, mas apenas um bom dicionário inclusivo e aberto a todas as variantes, como, por exemplo, o *Dicionário Houaiss*.

Novas gerações de lusodescendentes interessam-se pela cultura portuguesa?

Não tenho informação bastante sobre esse problema. Admito, no entanto, que seja um interesse superficial; julgo que predomina uma espécie de saudosismo desinformado. Mas não devemos generalizar; dependerá muito das famílias e dos países. Não acredito nas acções oficiais e programadas para manter viva uma cultura. A cultura tem de nascer de dentro das pessoas, resistindo aos aliciamentos fáceis da cultura de massa em línguas e ambientes diferentes...

Para sempre chamados países irmãos, Portugal e Brasil andam mesmo de mãos dadas?

Os irmãos não têm de andar sempre de mãos dadas. Uma boa briga é, por vezes, muito saudável. Mas também não é esse o caso. Julgo que nas relações oficiais entre Portugal e Brasil existe uma ancestral dose de retórica estéril ou de supostas boas intenções inúteis. Nas relações interpessoais e pontuais sobressai, porém, uma compreensão e até uma cumplicidade natural que, essa sim, é

verdadeiramente cultural. Esta a minha experiência de andar para lá e para cá há quase 40 anos.

Não se leem em Portugal mais autores brasileiros do que no Brasil escritores portugueses?

Não creio. O relativo desconhecimento das literaturas é recíproco. Nem hoje se leem em Portugal muitos dos melhores jovens autores brasileiros, tal como no Brasil se não leem os portugueses. Refiro-me ao grande público e não às universidades e a nichos de especialistas; penso que se leem e estudam aí muitos mais autores portugueses vivos do que brasileiros no nosso país.

Preço do livro trava o intercâmbio cultural?

A questão reside, de facto, mais nas limitações comerciais. Os livros portugueses custam no Brasil cerca de três vezes mais. E o mesmo sucede entre nós aos livros brasileiros. Enquanto assim for, não há interesse pela leitura que resista. O caminho mais eficaz, a meu ver, será o de os autores portugueses publicarem em editoras brasileiras (já o fiz algumas vezes) e vice-versa. Ou, então, estabelecerem-se contratos de coedição entre editores de ambos os países; nessa circunstância, até poderá acontecer que a edição brasileira seja mais barata que a portuguesa!

Acordo Ortográfico, um "manto diáfano da fantasia"?

Um nado-morto e uma irracionalidade, porque a beleza e a força do português atual é a sua diversidade. Além de algumas pretensões etimológicas nem sempre cientificamente justificáveis, a ortografia tende a ser geracional, modista e muitas vezes arbitrária. Nunca ninguém teve dificuldade em ler Fernando Pessoa por ele teimar em usar uma obsoleta ortografia do século XIX, e que tentou defender, sem êxito, em diversos escritos e ensaios. As diferenças são insignificantes e rapidamente se apreendem.

Tendo uma ligação tão forte ao Brasil sofreu influências de escritores concretistas como Haroldo, Pignatari ou Augusto Campos?

Uma pessoa que passe pela vida sem sofrer influências não esteve aberta ao mundo, e isso é o que critico na cultura em Portugal. Desfruto de uma repercussão internacional que não tenho em Portugal. Em Portugal parece que fazem gala em desconhecer-me. Isso não me aflige pessoalmente, mas aflige-me como português. É o provincianismo que Pessoa tão bem estudou.

Ao longo de 50 anos de literatura tem dores que não passam?

O que me dói um bocadinho mais é a sistemática ignorância, em Portugal, do que tenho feito pela língua e cultura portuguesas. Ao contrário, no Brasil esse meu contributo foi sempre reconhecido.

Brasil de Lula, que análise faz?

O único país onde há esperança. Lula é uma referência. A própria oposição respeita-o. Nenhum político no Brasil se encontra tão preparado como Lula. Se a economia americana não apoiar Lula entra em falência por causa da enorme dívida externa. Os EUA estão economicamente nas mãos da América do Sul. Uma falência da economia brasileira era a desestruturação do poder norte-americano, já muito desestruturado.

E a revolta das favelas?

São alguns tumores malignos como o narcotráfico nas favelas do Rio, que, de tempos a tempos, explodem, ou a criminalidade juvenil, ou a assimetria abissal na distribuição da renda, mas não impedem, todavia, o desenvolvimento e a esperança.

Uma esperança abstrata?

Muito real. Dou-lhe um exemplo: o progresso que representa a agropecuária dos Estados de São Paulo, de Minas e de Mato Grosso, a par do aproveitamento hidro-energético do rio São Francisco que, finalmente, realizará o mito messiânico do «Sertão virar mar».

Que o prende a Portugal?

A língua portuguesa. A cidade de Lisboa, o clima, o sol, mas o sol no Brasil é melhor; a comida, que é ótima, mas no Brasil é mais variada.

Sassure dizia que a língua é sempre uma grande herança, será sobretudo isso?

É. Mas a língua também existe no Brasil.

Juro, não tenho aqui um bilhete de viagem para lhe dar... Põe a hipótese de regressar ao Brasil?

Não. Porque me apaixonei por uma portuguesa, a poetisa Amélia Vieira. E gosto de ser português, apesar de sentir a nacionalidade como uma condenação.

Língua inglesa tenderá a sobrepor-se a todas as culturas ou ficará em formato de grande ponte comercial e industrial?

Não penso que o inglês se sobreponha a qualquer cultura. Até nos EUA, o castelhano afirma-se como segunda língua e está a crescer... O inglês apresenta-se atualmente como língua da ciência, do divertimento, dos negócios, e (quase) apenas um código de comunicação imediata na tecnologia; um esperanto que funciona bem. As culturas dos países onde se utiliza o inglês como instrumento não estão ameaçadas. Só é língua de cultura para os países de língua inglesa, obviamente.

Precisamos todos de ser políglotas...

O polilinguismo é em si mesmo uma espécie de supracultura que se pratica hoje mundialmente, e ainda bem, por ser uma forma de quebrar barreiras e de abrir horizontes.

O número de línguas faladas, segundo Laurent Sagart, continuará a diminuir no século XXI. A genética avança e a informação das línguas humanas anula-se?

Uma visão muito drástica e redutora. Não me parece que a diminuição da variedade das línguas signifique necessariamente uma diminuição da informação. É, sem dúvida, um empobrecimento do arsenal cultural da humanidade, mas não decorre disso um empobrecimento das possibilidades de comunicação entre os homens. Pelo contrário, parece-me haver línguas a mais e muitas delas até prejudicam e dificultam a comunicação. Lembremo-nos que Babel foi uma condenação e não um "presente" divino!

Torre de Babel, seja mito ou não, terá desagradado a Deus por todos quererem alcançar o céu?

Desejável é que a humanidade aprenda a usar a cabeça, cada homem com a língua da sua cultura, para que possa finalmente começar a viver melhor sobre a terra, em vez de usarmos o conhecimento para provocar o terrível retrocesso civilizacional a que assistimos.

De que jeito tem os seus livros tão arrumadinhos?

A arrumação tem de vir de dentro dos livros e não de fora... senão, não funciona.

Néstor Garcia Canclini coloca uma interrogação no livro *As Chaves do Século XXI: Caminhamos para "culturas híbridas"*? Sabe responder?

A miscigenação e o hibridismo são o resultado inevitável da comunicação entre as diferenças; em vez de produzirem a igualdade,

resultam em maior diferença. Num mundo em que a comunicação se desenvolve exponencialmente, o hibridismo mental e conceitual não pode evitar-se. Só poderá ser positivo se resultar num enriquecimento do saber e das suas aplicações. Dependerá apenas de nós!

Acredita na possibilidade de uma nova ordem internacional?

Sempre me pareceu que expressões como “nova ordem internacional” ou económica ou lá o que for, são areia atirada pelos políticos e economistas aos olhos de quem quer ver e entender. Nada significam além disso. Não acredito, nem sei para que serviria a não ser para a reorganização da acumulação do lucro nas mesmas mãos. Nunca houve uma ordem internacional que tivesse em consideração o bem-estar dos homens; o que sempre se verificou foi a desordem universal. E dessa desordem aflora o caos e a morte entrópica, ou seja, a ordem a nascer da desordem, o que equivale a estar-se cada vez mais próximo do infinito nada. Temo que entretanto prevaleça a lei do mais forte e nos espere um retrocesso a níveis impensáveis de neobarbárie.

Queda do muro de Berlim não representou uma via de liberdade e democracia?

Foi um momento simbólico de viragem no equilíbrio instável a que se chamava “guerra fria”. Todos desejávamos que essa fronteira artificial desaparecesse. Mas a implosão do sistema soviético veio alterar o equilíbrio dialético entre dois poderes mundialmente dominantes, a favor de um só: os Estados Unidos. Esta situação hegemónica está a alterar a nossa própria noção de paz e de guerra. Se a “guerra fria” nos deu alguns decénios de ilusão de paz, agora essa ilusão desapareceu a favor de um sistema bélico de tipo policial na escala global. Neste momento, nenhuma futurologia é sequer provável e as proclamadas boas intenções não são suficientes para

resolver os problemas da nova instabilidade a que certamente não podemos chamar paz.

Europa, que estratégia?

O lucro e a prepotência envergonhada. Os surrealistas queriam destruir o museu do Louvre por acharem que representava o conservadorismo, o estabelecido, mas não o fizeram...

À semelhança de todas as vanguardas, o surrealismo pôs muita coisa em causa e surgiu com novas propostas estéticas.

Não gosta dos surrealistas?

Não gosto do surrealismo francês.

Bom, estava a dizer...

Que os surrealistas quiseram incendiar o Louvre. Os americanos viraram a cara para o lado enquanto o Museu de Bagdade era destruído. A biblioteca de Alexandria foi destruída pelo fogo dos bárbaros. E o que se perdeu é irrecuperável ou não? Entretanto, os surrealistas estão nos museus. O mercado internacional de obras de arte tem um novo reforço de peças raras, clandestinas ou não. A biblioteca de Alexandria já ninguém sabe ao certo o que era. E a Europa tem, para já, 25 braços à procura do petróleo do Iraque com que os americanos vão alimentar os seus decrépitos cadilaques.

Não o impressiona a luxúria faraónica de opressores de outros povos?

Impressiona-me negativamente e repudio-a de uma forma categórica. Não pode haver tolerância para com os ditadores, só que o derrube dos ditadores parece-me ser assunto interno dos países e dos povos.

O coração já o ameaçou gravemente. Sentiu nesse instante que “o interior dos sólidos é plano” como diz na poesia visual, ou será tumultuoso?

Esse poema pretende estabelecer um paradoxo geométrico e nasceu muitos anos antes de o coração me ameaçar. Se foi premonição, não sei. Ao princípio, o episódio cardíaco foi um tumulto; depois, quando decidi fazer a operação, surgiu um enorme alívio, o meu interior ficou confiantemente pacificado.

Alguma vez se sentiu à beira da loucura?

Sou um outro tipo de louco, se quiser chamar loucura à transgressividade, ao que não está nos cânones. Mas é aí que existo e sou saudável.

Nunca precisou de ser psicanalisado?

Não. Um homem que domina os meios de formulação do seu próprio pensamento, tem uma arma sã: a criação, por exemplo, a poesia. A poesia é a saúde do espírito. Conheço alguns poetas que se não fossem poetas já teriam enlouquecido.

Por que usa “rabo de cavalo”?

Tinha o cabelo comprido, caído sobre os ombros, domado. Quando fui para o Brasil, talvez devido ao clima e às anestésias a que o meu coração obrigou, o cabelo ficou desgovernado. Apertei-o. E toda a gente disse: *ficas ótimo!, pareces um artista de cinema*. Pronto, quero ser artista de cinema...

Que filme gostaria de realizar?

A história de um homem que no Outono da vida (já estou quase no Inverno), deixa tudo e vai pelo mundo à procura de uma sombra que pela sua juventude perpassou e ele perdeu. Começa à procura na Grécia.

Onde param os seus contos?

Parados em alguma gaveta e assim vão permanecer.

E o engenheiro têxtil, como está?

Morreu. Sepultei-o. Morreu de um ataque cardíaco em 1996, após trabalhar quarenta anos na indústria têxtil portuguesa. Morreu depois de tanto ter pregado o controlo de qualidade, a inventividade, o *design*, com toda a gente a dar-me com a porta na cara. Agora andam todos a berrar: Criatividade! *Design*! Qualidade!

Têxteis portugueses eram afamados...

Continuam a ser, em especial os têxteis-lar. Os de vestuário declinaram por falta de atualização tecnológica e falta de capacidade de gerência; competimos baixando a qualidade.

Em Portugal, o sector da indústria têxtil (independentemente de algum ânimo ocasional), passou da pujança ao desemprego assustador. Quem tece a vida dos povos?

Quem destece a sua própria vida? O desemprego na nossa indústria têxtil tem vários motivos que são conhecidos mas sempre escamoteados. Resumem-se a opções erradas, cronicamente tomadas pelos responsáveis, que vão da aversão à invenção e inovação até à miragem do lucro fácil, ao desinvestimento tecnológico e humano, ao desprezo pela qualidade. Quem destece a sua própria vida destece também a vida dos outros.

Gosta de deitar-se em bons lençóis?

Branco!

Dá-se melhor com a seda ou com a serapilheira?

Sou um homem da lã.

Já lhe apeteceu guardar rebanhos?

Não tenho sossego espiritual para ser pastor.

É rico?

Rico de ideias e de intenções. Mas de boas intenções está o inferno cheio. Fiquem no entanto descansados..., vou para o inferno. Não tenho outro caminho.

Acredita em céus e infernos?

Não. O homem fica pó.

Algo de que se arrependa? Será o ter publicado muito?

Houve um momento em que abusei e cansei. E criei uma certa reação, desnecessária, na geração que veio a seguir a mim. Disseram que se não tivesse existido um Ruy Belo quem mandava na poesia em Portugal era Melo e Castro. Um disparate. Nunca quis mandar em nada.

Uma autoestima elevada?

Sim, mas é isso que quero. Se não tivesse autoestima, como poderia sobreviver num mundo tão cheio de agressões diárias a todos os níveis?

Homem de grandes cidades. Que cidade o habita?

Uma cidade transparente (mas não de vidro) com que sonho repetidamente, onde as ruas se cruzam em ângulos variáveis, e de que não sei o nome.

Das muitas perguntas que formula na sua poética, uma delas é esta: "Por que se ama?" Encontrou resposta entretanto?

Há um outro poema em que digo: "De amor se faz amor de nada mais se faz". Ama-se porque estamos vivos, é a tal capacidade de aderir a umas coisas e de recusar outras. Àquelas a que se adere com maior convicção, a pessoa fica ligada e chama-lhe amor. Tudo entra pelos sentidos.

Resposta para outra das suas interrogações: "Como neste planeta vamos sobreviver?"

À rasca.

Defende as suas convicções até ao fim?

... Até ao fim das convicções. Tudo tem fim.

Sente-se mais macaco ou mais pássaro?

Mais pássaro, porque estou a caminho da desmaterialização.

Racional-emotivo?

Acho que sei o que sou. Estou todo nos meus livros.

Suprema síntese do homem?

O HOMENS (o..., porque uma síntese é sempre singular; homens, porque o homem é sempre plural).

© *MARIA AUGUSTA SILVA*